

AJ 022 52-1

EDUCAÇÃO

Dois em cada 10 moradores de Ponto Belo são analfabetos; Vitória é o município que concentra o maior número de pessoas alfabetizadas

LONGE DAS LETRAS UM EXÉRCITO DE 220 MIL PESSOAS

PRISCILLA THOMPSON
ppessini@redgazeta.com.br

Há poucas semanas, quando conseguiu identificar a ala de um hospital sozinha e encontrar o paciente que queria visitar, Maria Roseli de Jesus Lira comemorou. Os olhos cheios de lágrimas quase a impediram de ter certeza de que ela havia conseguido dar sentido às três letras que informavam onde ela estava. Foi a primeira vez que Rose, aos 39 anos, leu.

A incapacidade de se localizar sozinha pela cidade e de realizar tarefas diárias simples, como pegar um ônibus ou encontrar o número de um telefone em uma agenda, começou a deixar de fazer parte da vida de Rose há cerca de três meses, quando ela passou a frequentar as aulas de um projeto de alfabetização para jovens e adultos no bairro Consolação, em Vitória.

Aos poucos, ela está se afastando da estatística que, no ano passado, a colocou entre os quase 220 mil habitantes do Estado com mais de 15 anos que não sabem ler e escrever. Um contingente que corresponde a 8,1% da população.

EXTREMOS

Só em Vitória, onde Rose mora, 7,8 mil pessoas estão na mesma condição. Ainda assim, a Capital é a cidade com a menor proporção de analfabetos no Espírito Santo: 3%. Em 2000, 11,7% da população do Estado não sabia ler e escrever. A situação em

alguns municípios, porém, continua distante das estatísticas até mesmo de 10 anos atrás. Ponto Belo é o maior exemplo dessa realidade: duas em cada 10 pessoas são analfabetas.

Localizado no extremo norte do Estado, a pequena cidade de 6.979 habitantes amarga as consequências do atraso econômico. Por lá, faltam oportunidades para os jovens, e sobram adultos e idosos

RENDIMENTO

R\$ 378

Ponto Belo

É o rendimento mensal per capita onde há a maior taxa de analfabetismo

1,4 mil

Vitória

Na cidade com a menor taxa de analfabetismo, o rendimento é quase quatro vezes maior

sem nenhuma escolaridade. Do total de analfabetos, cerca de 64% têm 60 anos ou mais, mas 8,4% dos que não sabem escrever ao menos um bilhete têm entre 15 e 39 anos.

Quando pisou em uma escola pela primeira vez, por exemplo, o pedreiro Verdeval Pereira da Silva, 45 anos, já tinha 14 anos completos. “A única escola que tinha na cidade, naque-

la época, era muito longe de casa, e eu precisava trabalhar para ajudar minha família. Se quisesse estudar tinha que ir andando quase sete quilômetros da roça até lá, à noite”, lembra.

FRUSTRAÇÃO

Hoje, Verdeval e Rose, mesmo morando em cidades com perfis diferentes e nunca tendo se encontrado, lidam com uma mesma frustração: a de mal saber assinar o próprio nome. “A vida sempre foi trabalhar para ter comida em casa. Sem estudo, só consigo trabalho pesado”, diz o pedreiro que chegou a morar 17 anos em Vila Velha em busca de uma vida melhor, mas voltou a Ponto Belo por causa da família.

“Sem estudos, a gente enxerga o mundo sem ver. É como se fosse cego. Eu tenho problemas de saúde e preciso arrumar um emprego mais ‘leve’, mas não consigo. Se eu tivesse estudado, tenho certeza de que hoje não estaria nessa situação”, lamenta Rose. Ela trabalha como auxiliar de serviços gerais e, agora, corre contra o tempo para deixar para trás de vez a vergonha que sente de entender apenas os números.

Em Ponto Belo, a história de adultos como eles se repete por toda a cidade. Mesmo entre as crianças que frequentam a escola, concluir os estudos é um desafio, explica a secretária municipal de Educação, Jandira da Costa Rios Duarte. “Temos um bom ensino,

GABRIEL LORDÉLLO



Rose chegou a chorar quando conseguiu achar sozinha a ala de um hospital

“Meu pai aprendeu a ler sozinho. Eu não estudei, porque tinha que trabalhar na roça, e era muito longe da escola. Hoje, eu me arrependo”

VERDEVAL PEREIRA DA SILVA
45 ANOS, NÃO SABE LER E ESCREVER



BERNARDO COUTINHO

“Se meu filho não for à escola, eu posso perder o Bolsa-Família. A gente não tem condições de viver sem esse dinheiro”

MARIA APARECIDA TOLENTINA
44 ANOS, MÃE DE JÚLIO MARCOS, QUE CURSA A 7ª SÉRIE E DEIXOU A ESCOLA



BERNARDO COUTINHO

bons professores, mas a realidade não atrai os alunos. Faltam oportunidades de emprego, mas a droga, por outro lado, já está tomando conta da cidade. Com ou sem estudos, a maior parte desses jovens vai trabalhar na lavoura”, revela.

ABANDONO

É por isso que, mesmo tendo chegado à 7ª série, Júlio Marcos Pereira da Silva não vê razão para perder as poucas horas de descanso que tem por dia para estudar. Aos 15 anos de idade, a rotina dele começa às 3h da madrugada, quando sai para tirar leite de vacas em uma fazenda próxima. Depois do almoço, segue para outra fazenda para ajudar nas tarefas de capina e chega em casa por volta de 16h.

Neste ano, ele acabou abandonando as aulas que frequenta no turno noturno. “Precisei começar a

trabalhar, porque meu pai está com problema de saúde. De noite, às vezes pego as minhas coisas e finjo que vou para a aula, para a minha mãe não brigar. Quando vou mesmo, não consigo prestar atenção em nada”, explica.

Os R\$ 400 que recebe por mês dos dois empregos garantem a maior parte do sustento da família. E a presença dele na escola, para a mãe, tem uma importância ainda maior que a do simples fato dele estar sendo educado: “Se o Júlio não for para a escola, a gente não para de receber o Bolsa Família. E eu não posso ficar sem esse dinheiro”, diz Maria Aparecida Tolentina Pereira, 44 anos, que também cuida de uma neta, a Ludmila, de oito anos, que sofre de pressão alta.

Ela mesma nunca teve oportunidade de ir à escola. “Meu pai dizia que a gente não podia estudar,

para não escrever carta para os namorados. Quase ninguém na cidade estudava, naquela época. Minha mãe não estudou, meus irmãos também não”, explica.

PROJETOS

No município, existem apenas sete escolas, sendo apenas uma de ensino médio. Para incentivar o envolvimento das famílias com a escola e aumentar a

“Meu sonho sempre foi estudar. Mas só agora pude começar a aprender”

MARIA ROSELI LIRA
45 anos, está aprendendo a ler e escrever

frequência dos alunos nas aulas, a sub-secretária de Estado da Educação, Adriana Sperandio, diz que a escola elaboram projetos, como o “Família Presente”.

“Os professores convidam a família para atividades na escola, mas a realidade é muito difícil. Parte dos alunos trabalham em lavouras de cana-de-açúcar no Sul da Bahia, e a jornada de trabalho compete com a escola. É uma característica comum aos municípios da divisa”, explica.

Em Ponto Belo, em Vitória e nos outros 76 municípios capixabas, 237 unidades que oferecem educação de jovens e adultos—além de outras centenas de projetos independentes—tentam reverter a situação de pessoas como Rose e Verdeval. “O projeto prioritário do governo é reduzir 40% o analfabetismo entre jovens e adultos. Estamos em busca dessa meta”, destaca Sperandio.

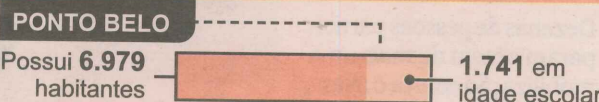
UM ESTADO, DUAS REALIDADES

Analfabetismo
A taxa de analfabetismo no Brasil é de cerca de 9%. No Espírito Santo, é de 8,1%. Há dez anos, os analfabetos representavam 13% da população brasileira e 11% da população capixaba.

Liderança
Ponto Belo apresenta o maior percentual de analfabetos: **21%**

- O índice é quase o mesmo do Estado com maior taxa de analfabetismo no país: Alagoas (22,5%)
- A Capital, Vitória, apresenta o menor percentual: 3%, comparável com o Distrito Federal, que apresenta o menor índice do país - 3,2%

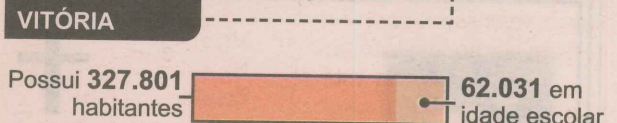
Os extremos



- Em 2000, o índice de analfabetismo era de 25,3%
- Entre a população de 15 e 39 anos, 8,4% são analfabetos. A maioria dos que não sabem ler e escrever (64%) tem 60 anos ou mais
- 6,2% da população ganha até R\$ 70
- 5,2% das crianças com 10 anos de idade não sabem ler e escrever
- 19,6% das crianças de 0 a 5 anos têm responsável analfabeto
- Apenas 1,1% dos alunos do 9º ano do ensino fundamental tem o conhecimento adequado em Matemática para a série. Em Português, 5,6% dos alunos têm o conhecimento adequado
- A distorção idade-série nas séries finais do ensino fundamental é de 21%. Já no ensino médio, chega a 34,7%
- A taxa de abandono escolar no ensino médio é de 18,5%, enquanto que a média do Estado é de 7%
- No ensino fundamental, porém, não passa de 1,1%

Ideb das escolas em 2009:

No 5º ano	4,7
No 9º ano	4,2



- Em 2000, o percentual de analfabetos era de 4,6%
- Entre a população de 15 e 39 anos, apenas 1,8% é analfabeta
- Apenas 0,9% dos habitantes ganha até R\$ 70
- 2% das crianças com 10 anos de idade não sabem ler e escrever
- 4,3% das crianças de 0 a 5 anos têm responsável analfabeto
- 13,8% dos alunos do 9º ano do ensino fundamental têm conhecimento adequado em Matemática. Em Português, o percentual chega a 20,2%
- A taxa de distorção idade-série chega a 22,9% nas séries finais do ensino fundamental e a 25,3% no ensino médio
- As taxas de abandono no ensino médio são de 6,4%

Ideb 2009:

No 5º ano	4,8
No 9º ano	3,8